

A UFP e Agustina Bessa-Luís

The UFP and Agustina Bessa-Luís

Salvato Trigo
Presidente da Fundação Fernando Pessoa

Agustina Bessa-Luís, a escritora amarantina, cujo centenário do nascimento se comemora, neste ano de 2022, honrou a UFP com a sua presença no importante congresso internacional que, em 1998, realizámos, para festejar as bodas de ouro da sua renomada e polifacetada oficina de escrita. Da importância dessa primeira reunião magna, no nosso país, sobre a vida literária de Agustina falam as atas publicadas pelas Edições da Universidade Fernando Pessoa com as comunicações apresentadas por consagrados especialistas e por outros estudiosos da obra *agustina*, provenientes de Portugal, dos Estados Unidos, do Brasil, do Canadá, da Espanha, da França e da Itália entre outras geografias.

A presença impressiva de Agustina e a sibilina comunicação ao congresso, discorrendo sobre o tempo e a viagem, sobre a efemeridade e a gratidão, sobre a liberdade e a solidão, enfim, sobre a sua escrita literária como discurso de torna-viagem, foram privilégio assumido por todos os congressistas como o foi também o seu diálogo cúmplice com Manoel de Oliveira, que nos prestigiou com a sua participação naquele áureo encontro, em que a literatura se cruzou com outras artes e com outras semióticas.

Em 2008 e ainda no quadro das atividades didáticas e de investigação, que se desenvolviam na UFP em torno da licenciatura em Literatura Comparada, que, então, integrava a nossa inovadora oferta educativa e formativa, mas que os “velhos do Restelo” do costume, avessos à ousadia da universidade do futuro, conseguiram encerrar, levámos a cabo um novo congresso, comemorativo dos 60 anos da vida literária de Agustina, a mais notável, criativa, instigante e interpelante romancista da literatura portuguesa do século XX. A rica memória destes dois congressos está reunida num volume, melhor diríamos numa antologia, de *Estudos agustinianos* (2009), publicado também pelas Edições da Universidade Fernando Pessoa, sob a organização e a coordenação de Isabel Ponce de Leão, nossa

catedrática de Literatura e Outras Artes, responsável pela notoriedade do contributo que a UFP tem dado à divulgação e maior conhecimento da diversificada e qualificada obra da autora de *A Sibila*.

Quatro anos volvidos sobre este segundo congresso, reforçam-se ainda mais os vínculos de Agustina com a UFP, no nosso Grande Anfiteatro, em 15 de outubro de 2012, dia do seu nonagésimo aniversário, com a celebração da escritura pública constituinte do Círculo Literário Agustina Bessa-Luís, subscrita por um alargado conjunto de personalidades nacionais, reunidas pelo marido, Alberto Luís, e pela filha, Mónica Bessa-Luís Baldaque, da homenageada escritora, para dar corpo e músculo a uma associação cultural sem fins lucrativos, promotora do conhecimento e da investigação científica sobre a poliédrica obra da Senhora da Casa do Gólgota, debruçada sobre o Rio Douro, onde os seus olhos beberam muita da inspiração extasiante de magníficas semioses que a mestria de Manuel de Oliveira enalteceu no *Vale Abraão*.

Enquanto homem da filologia e da literatura, ao tempo, sucedendo a Alberto de Serpa, como coordenador do suplemento literário “Das Artes e Das Letras” do jornal *O Primeiro de Janeiro*, do qual Agustina viria a ser diretora (1986-87), quatro décadas e um ano depois de, nesse importante periódico da burguesia portuense, ela ter mandado publicar o anúncio em que procurava “uma pessoa culta com quem se corresponder”, saindo-lhe em sorte o estudante de direito Alberto Luís com quem estaria casada setenta e dois anos, tive ocasião de me familiarizar com diversificados comentários e críticas sobre a obra e a escrita *agustina*, o mais desafiante dos quais foi o de António José Saraiva (1984): “Agustina é, depois de Fernando Pessoa, o segundo milagre do século XX português e será reconhecida quando, com a distância, se puder medir toda a sua estatura, como a contribuição mais original da prosa portuguesa para a literatura mundial, ao lado do brasileiro Guimarães Rosa...”

Ora, Guimarães Rosa tinha-o eu lido com grande prazer e interesse filológico, para redigir e defender, em 1981, a minha tese de doutoramento sobre o *logotetismo* do escritor angolano, José Luandino Vieira, e Fernando Pessoa, visitava-o desde o início dos anos de 1970, por isso a afirmação sentenciosa de António José Saraiva motivou-me à releitura de *A Sibila* com outros olhos, releitura essa que pude aprofundar, enquanto orientei a tese de doutorado de Laura Fernanda Bulger, então, assistente no Departamento de Estudos Espanhóis e

Portugueses da Universidade de Iorque, em Toronto, apresentada à minha Faculdade de Letras do Porto, em 1988, com o título *A Sibila – uma superação inconclusa*, um ensaio multiangular sobre a teoria da personagem em Agustina.

Como Reitor da UFP e continuado leitor de Agustina, passados quase quarenta anos, compreendo hoje bem melhor o rasgo crítico de António José Saraiva, cujo repto, estou certo, a nossa comunidade pessoana irá continuar a aceitar, reiterando a sua contribuição para difundir esses dois milagres literários do século XX português: Fernando Pessoa e Agustina Bessa-Luís.